



A Bordadeira

Eis uma narrativa inspirada na poesia e nos contos japoneses.

“A vida é um bordado complexo, onde cada fio representa uma experiência única.”

*Setsuko, a jovem bordadeira, aprendeu que a beleza não deve ser aprisionada,
e que a busca excessiva de perfeição pode ser uma armadilha
que nos impede de ver a beleza na simplicidade do mundo que nos rodeia....*

Como é possível que pedaços de céu tenham caído naquele dia no pátio da casa dos bordados? Grandes tecidos azuis pintados de fresco pendiam aqui e além. Por momentos, o vento erguia-os e deixava ver grandes potes cheios de índigo fermentado alinhados por cores ao longo do muro, do lápis-lazúli ao azul-escuro, passando pelo azul-porcelana, pelo azul-miosótis e pelos marinhos sombrios, todos os matizes de uma cor a nascer...

À sombra dos tecidos ondulantes, Setsuko suspirava ao puxar o fio de seda. Acabava de bordar um ramo de cerejeira em flor, mancha de espuma perdida no meio do oceano. O tecido escorregava-lhe do colo. Com um olhar vago, a mestra fez-lhe sinal para levantar o trabalho. As cabeças das bordadeiras inclinaram-se ainda mais, mostrando a descoberto os pescoços delicados. Pela face de Setsuko deslizou uma lágrima, pérola de sal numa face de porcelana fina.

Por mais que se aplicasse, os seus desenhos saíam-lhe sempre desajeitados. O pássaro não parecia voar, a flor era demasiado pálida, ao dragão faltava-lhe imponência, às borboletas faltava leveza... O coração apertava-se-lhe, como um lírio caído aos pés de uma árvore após uma chuva de granizo...

E todavia, como um idoso a andar lentamente, o tempo tinha avançado pouco a pouco sem que ela se apercebesse: estava na hora de despegar. As bordadeiras arrumaram as suas coisas e separaram-se, tal como um bando de pássaros antecipando a estação das chuvas.

— Adeus, adeus! — chilreavam as meninas. — Amanhã é a festa das crianças, temos de nos despachar!

— Olhem! — dizia uma delas. — Já há papagaios no céu. Vejam! Uma carpa! Uma rã! E também um gato!

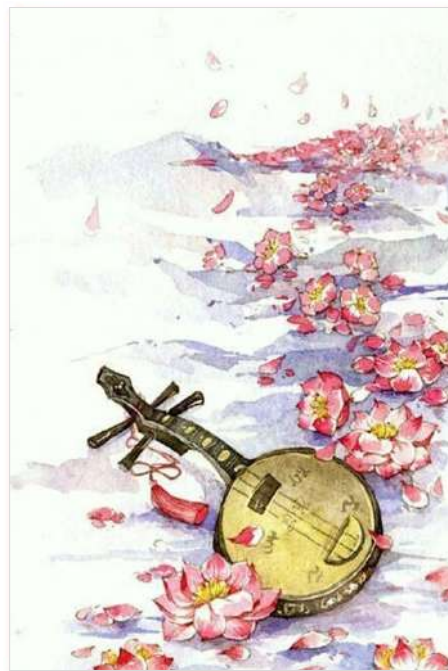


Setsuko subiu a rua. Ia andando sem prestar atenção e acabou por afastar-se do seu caminho. As lanternas de papel começavam a acender-se, as tabuletas moviam-se ao sabor do vento, batendo por vezes contra as paredes. Ia arrefecendo. Nuvens de seda cor-de-rosa percorriam o céu azul esbatido, correndo como crianças irrequietas!

Nada de mais reconfortante para uma pessoa triste do que uma festa! Seguindo a multidão, os passos de Setsuko tinham-na levado para muito longe, até à beira do rio onde as cerejeiras ainda tinham flor... Ao ir-se

embora, atraída pelo som de um *shamisen*¹ encontrou de repente um homem com o seu *kamishibai*². Num quadro de bambu desfilavam imagens que ele ia desenrolando lentamente. Foi então que surgiu a história do Texugo e da Raposa. Os risos das crianças ecoavam como uma onda gigante... O narrador modulava habilmente um som roufenho e afetado, a imitar o texugo, articulando cada palavra e dando entoação a cada frase:

— *Ooooh! Lamento, Senhora Raposa, embora a sua transformação tenha sido absolutamente fabulosa, hum! hum! Juro, palavra de Texugo, que a reconhecemos! E apesar de todo o cuidado que pôs em passar despercebida no imenso cortejo que acompanhava a princesa no dia do casamento, deixou escapar a cauda por baixo da sua veste de samurai!*



O *shamisen* seguia a melodia da voz. A imagem sobre o *kamishibai* era expressiva, o texugo pavoneava-se, arrogante, a raposa confundida mostrava uma cara zangada.

Setsuko ria às gargalhadas. Gostava muito daquela história tantas vezes ouvida quando era pequena. Até a bordara uma vez num quimono. Pôs-se a observar o velho contador. Parecia boa pessoa. O seu rosto magro era dourado como uma bolacha estaladiça, cozida pelo sol dos caminhos. Começou ele então uma fábula que ela desconhecia. E, desta vez, adotava a voz trémula e doce de uma velhinha. Evocava o estranho país das fiandeiras encantadas, que cantam melopeias enquanto trabalham. Olhava com insistência para Setsuko:

— Vem! — murmurava ele. — Vem buscar o fio de seda de ouro que borda sozinho, sozinho....

O tom era envolvente, apelativo. Setsuko estremeceu, mas não fez qualquer esforço para resistir à sedução do sortilégio. A sessão chegou ao fim e, lutando contra

¹ O *shamisen* é um instrumento musical japonês, com três cordas, cuja caixa de ressonância tem um tampo de pele de gato ou cobra.

² O *kamishibai* (literalmente "jogar com o papel") é uma narrativa cuja origem remonta ao século XII, quando nos templos budistas os monges usavam os *emaki* (rolos de desenhos) para transmitir histórias moralizantes para um público em geral analfabeto. Hoje é uma espécie de teatro itinerante, onde se conta histórias através de rolos de papel.

a multidão que se dispersava, Setsuko conseguiu aproximar-se.

— Por favor, leve-me consigo! Quero encontrar esse fio!

O velho sorriu-lhe, e antes que ele dissesse alguma coisa, a jovem afirmou:

— A minha tia quer ver-se livre de mim, vou avisá-la, é um instante.

Foi a casa a correr e pouco depois regressou, com uma pequena trouxa às costas. O velho contador estava pronto, à sua espera. E afastaram-se no crepúsculo da tarde, o contador a puxar a carroça com a rapariga ao lado.

Ao saírem de Quioto, uma chuva de primavera escorria dos telhados. Não era a primeira vez que alguém desejava acompanhar o velho contador na sua caminhada.

— Sou o Homem das Cem Vozes — disse ele a Setsuko — mas podes chamar-me Otochan ou pai. Já tive uma neta parecida contigo.

Depois começou uma melopeia que deixou Setsuko intrigada:

*Fiandeiras, fiandeiras
diligentes,
tecei e juntai
os fios pendentes.*

*Fiandeiras, fiandeiras
incansáveis
uni com fios de luz
os corações amáveis.*

Foi então que lhe falou das fiandeiras encantadas.

— Onde é que elas moram? — inquiriu Setsuko.

— Muito perto ou muito longe, a estrada que vai para lá está sempre a mudar, nunca é a mesma.

A lua surgia por detrás dos montes e depois escondia-se, deixando os rostos na penumbra. Uma paz infinita emanava do velho contador.



Os dias sucediam-se como nós em canas de bambu...

Uma noite em que estavam muito cansados, uma forte trovoadas fê-los procurar abrigo a toda a pressa. Dirigiram-se para uma casa com telhado de colmo que lhes parecia acolhedora. Uma mulher sumptuosamente vestida mandou-os entrar. Ao segui-la, ficaram admirados com a quantidade de peças de roupa que usava: uma túnica de cerimónia carmesim cobria as costas de um casaco comprido turquesa que, por sua vez, deixava ver um vestido escarlata. Mas o mais incrível eram os desenhos, tão belos e fascinantes que mais parecia estarem vivos. Havia até um dragão que abria e fechava a boca, cuspidendo chamas ao ritmo da ondulação das dobras da veste.

No meio de um compartimento imenso, mulheres habilidosas teciam em grandes teares. Setsuko aproximou-se e ficou dominada pela beleza dos tecidos. Seriam aquelas as fiandeiras encantadas?

Subiram umas escadas de madeira, sempre atrás da mulher. Esta indicou-lhes um canto no sótão.

— Vão dormir aqui — disse-lhes ela — mas não façam barulho, porque o meu marido vai chegar a casa muito cansado. Precisa de descansar.

Instalaram-se então. Fora, o vento rugia como um animal ferido. Tinham acabado de se deitar nas suas esteiras quando um alarido os fez sobressaltar. Um tropel de cavalos nervosos à mistura com ordens roucas de homens. Ouviu-se toda aquela gente a entrar. Por uma fenda do soalho, Setsuko tentou espreitar para o compartimento que ficava por baixo, mas estava tudo escuro! As fiandeiras já tinham terminado o dia de trabalho e ido embora. Um criado trouxe-lhes sopa quente em tigelas de porcelana, finamente decoradas. Depois Setsuko deitou-se e adormeceu, assim como o seu companheiro de viagem.

Durante a noite acordou com ruídos de quem esfregava, estalidos, cochichos. Depois, barulhos estranhos no silêncio profundo da casa puseram-na alerta. Desceu as escadas. O *atelier* parecia deserto. Mas ela não quis crer no que via! Sobre o chão varrido por um raio de luar, corriam aranhas. Aranhas pretas com grandes patas ágeis, gordas como mãos. Puxavam, puxavam por alguma coisa na extremidade de um fio, trepavam para cima dos tecidos e continuavam a puxar...



A cena prolongou-se por muito tempo... Depois, os tecidos agitaram-se, melhor dizendo, eram os desenhos, as carpas, os pássaros, os grou, as ondas, as paisagens, que tentavam a todo o custo escapar-se da trama do tecido! Debatiam-se, querendo desenlaçar-se dos fios que os retinham. Mas as aranhas apertavam, apertavam e, em breve, todos deixaram de se mexer.

Setsuko, siderada, lembrou-se dos bordados do vestido da anfitriã que pareciam tão habilmente executados... Que sortilégio os tornaria vivos

durante a noite? Mas, nesse momento, sentiu que alguém se encontrava atrás dela. Uma sombra avançou por cima da sua cabeça e ela virou-se: uma forma longilínea gesticulava com os seus grandes braços. Era a anfitriã, com um vestido de noite, ondulante, cor de cinza. Mulher-escarlata de dia, tornara-se mulher-sombra de noite.

— Que estás a fazer aí, como uma pega a examinar um estojo de bordado? — gritou ela numa voz ameaçadora — Sai imediatamente daí!

E agarrando Setsuko pelo braço, obrigou-a a segui-la.

— O que acabas de descobrir é segredo — disse ela com voz flautada — e ninguém pode revelá-lo... Sim, os desenhos estão vivos... O dono da casa anda à caça dia e noite para os arranjar. Vendo bem, minha menina, tu és um achado para ele! Já não precisa de ir à caça! A tua linda carinha dará um belo desenho para o meu quimono verde!



E agitou uma pequena campainha. Petrificada, Setsuko viu que os painéis deslizavam, empurrados por uma mão invisível. Sombras negras corriam pelo chão. A mulher deu uma ordem. Num abrir e fechar de olhos, as aranhas dirigiram-se para uma pobre Setsuko estarecida, e treparam por ela acima sempre a tecer. Setsuko viu-se completamente envolta numa ganga de fios que a mantinham como num casulo.

Depois, as aranhas fizeram rodar aquele cone penugento, enquanto cantavam:

*Quem é curioso
e ambicioso
em teias se enreda
e tudo se lhe nega.*

Com estas palavras invulgares, levaram-na para dentro de uma arrecadação, contígua ao *atelier*. Depois saíram e correram os painéis sobre o silêncio e a prisão de seda de Setsuko.



De manhã, a tecelagem voltou ao ritmo habitual.

O velho contador acordara cedo e ficou muito admirado com o desaparecimento da sua protegida. Porém, quando a mulher-escarlate lhe garantiu que ela tinha ido embora de vez, ele não acreditou. Pôs-se calmamente a fazer a trouxa e a pensar como encontrar Setsuko. Saiu pela porta como se fosse partir, mas deu uns passos e foi esconder-se atrás de um silvado para melhor observar as idas e vindas. E não foi em vão a sua espera porque, em breve, assistiu ao regresso prematuro do dono da casa. Este acabava de capturar um jovem de ar distinto que se debatia com todas as forças. Para conseguirem os seus intentos, o patrão e a anfitriã de vestido púrpura fecharam-no com Setsuko.

— Vão ser cosidos já esta tarde. Darão uns lindos desenhos! — gritou-lhes a mulher-escarlate.

De Setsuko, o jovem apenas conseguia ver os olhos, que pareciam duas borboletas perdidas num bosque sombrio. Sorriu para ela como nunca tinha sorrido a ninguém. E entre eles passaram-se aquelas coisas indizíveis que nem sequer podem descrever-se... De onde poderia vir aquele raio de sol no meio das trevas da arrecadação?

Com a sua espada, o rapaz tentou cortar os tão apertados fios do invólucro de Setsuko, mas em vão. Precisaria de dias e dias. Estava já quase sem forças, quando de fora uma voz se pôs a cantarolar:

*Fiandeiras, fiandeiras
diligentes,
tecei e juntai
os fios pendentes.*

Fiandeiras, fiandeiras
incansáveis
uni com fios de luz
os corações amáveis.

Era o Homem das Cem Vozes. Lá estava ele. Tinha entrado em casa disfarçado de vendedor de ovos, de *dangos*³ e de *mochis*⁴. Onde terá ele ido encontrar aquele traje? Talvez à aldeia... O certo é que tinha cem vozes. Modulava o som de uma forma incrível, e cada uma das suas vozes tinha uma tonalidade particular. Uma delas tinha o poder de desenlaçar cordas e amarras. Outra permitia-lhe desmontar fechaduras, abrir os painéis.

Mal chegou junto da rapariga, a sua voz desbobinou imediatamente o casulo e Setsuko pôde estender os braços e as pernas entorpecidos. Apenas um fio de ouro continuava enrolado no pulso...

— Rápido! — murmurou o idoso. — Libertamos os outros desenhos e fugimos!

Escaparam-se sorrateiramente por detrás dos tabiques, atentos às sombras projetadas na parede, preocupados com o menor sopro de ar. E o velho contador pôs-se de novo a cantar. A sua voz elevava-se no ar como um pássaro. Os painéis puseram-se a vibrar, a entreabrir-se, e de lá saíam, como de um sonho, peixes, bandos de groux cinzentos, árvores em flor, cascatas, folhas de ácer, caranguejos, margens de rios, ondas e até uma montanha envolta em bruma... Nunca se vira um conjunto tão admirável...

Porém o alerta já tinha sido dado. A mulher-escarlata tinha-se apercebido do desaparecimento do rapaz e da rapariga.

— Não faz mal! — disse o Homem das Cem Vozes. — Não posso acompanhar-vos. Entrego-vos os desenhos, voltem a colocá-los no lugar de onde nunca deviam ter saído. Adeus, Setsuko! Pensa em mim de vez em quando. Tenho de impedir esta mulher. Fugam!

³ *Dango* é uma espécie de bolinho japonês feito à base de *mochi*, uma pasta de arroz. Come-se muitas vezes acompanhado de chá verde.

⁴ Os *mochis* são pequenos bolinhos de arroz redondos, com diversos sabores: a sésamo, feijão vermelho, amendoim....



Setsuko fazia um esforço para não chorar. Desataram a correr, levando atrás deles o fantástico cortejo.

Quanto ao velho contador, dirigiu-se com determinação à mulher-escarlata, decidido a enfrentá-la à sua maneira. Cortou-lhe a passagem.

— Desculpe, minha senhora, mas gostaria de a distrair. Sou contador de histórias e a rapariga que acaba de nos deixar é a melhor bordadeira de Quioto. Permita-me que lhe ofereça todos os segredos que me revelou durante a nossa viagem. Poderão vir a ser-lhe úteis...

— Deixe-me, tenho de agarrar rapidamente aqueles desenhos!

— Mas os desenhos não necessitam que ninguém os agarre! Ouça, o mais importante de tudo é saber escolher os materiais... Seda para os dias de festa, linho ou cânhamo para o dia a dia!

— Vá, deixe-me passar! O que está a dizer não serve para nada! Afaste-se, deixe-me passar, a única coisa que me interessa são os desenhos!

— Não tem necessidade nenhuma de correr atrás deles! A cor! Gosta da cor? Cada estação tem o seu tom!... Na primavera, usar vestuário coberto de flores, como a ameixeira e a cerejeira... No verão, tecidos cheios de sol, com matizes de azálea e de glicínia... Para o outono, cobrir-se de folhas de ácer avermelhadas, ou de trevo dos bosques.

— Uma vez mais lhe peço que esteja calado e se vá embora! Bem vê que tenho de agarrar aqueles desenhos!

— Mas eu posso ajudá-la! Não se impaciente porque eu vou ensiná-la a adquiri-los! Os desenhos mais belos da terra! Ouça-me bem!

E falou numa voz muito meiga, persuasiva, olhando-a bem nos olhos:

— No decurso de um passeio pelo campo verdejante sob um imenso céu, convidará caminhar longamente, depois olhar à sua volta, respirar fundo, captar as imagens com os olhos e depois guardá-las no fundo do seu espírito. Quando chegar a casa, conservá-las com a ajuda de um poema...

Por exemplo, na primavera:

*O ramo em flor
oculta
a claridade da lua.*

Ou então, no outono:

*Vestido de bruma
tecido
com orlas de orvalho.*

Ou ainda, no inverno:

*Na neve
a garça-real
voa entre os pinheiros.*

E assim estive a falar por muito tempo, a explicar-lhe como devia impregnar-se destes poemas para encontrar, dentro de si própria, os esboços cobiçados... E fê-la esquecer-se do tempo... A mulher-sombra estava perturbada, perdida... Quando ele se calou, sob o encanto da voz do velho contador, ela tinha-se esquecido de si e do lugar onde se encontrava.

— Vejam só! Esqueci-me do que tinha a fazer e agora os fugitivos já devem estar muito longe! Bem, não importa! Já que é assim, vai ficar aqui! Visto que já não há

desenhos para bordar, é você quem vai ensinar as bordadeiras com essa voz mágica! Você que tem tanto talento para ver a poesia das coisas, vai inspirá-las e ensinar-lhes o ofício!



Neste entretanto, Setsuko e o jovem tinham chegado à montanha. Tal como o pintor pousa delicadamente alguns retoques de cor na sua pintura, assim, com todo o cuidado, eles procuraram o lugar de cada desenho. Em seguida, depois de colocarem a última libélula sobre um junco, dirigiram-se livres para a aldeia de Kaida. Era lá que o jovem morava...



Como acabou a história?



Dado não haver rapariga mais bela e mais prendada do que Setsuko, o jovem pediu-a em casamento...

Ou talvez esta tenha regressado a Quioto para aperfeiçoar a sua arte de bordadeira, agora com a ajuda do fio de ouro...



Ninguém sabe, mas o velho contador encantou por muito tempo com os seus poemas os habitantes da casa misteriosa, e todos recordam ainda a sensação de frescura quando o estribilho se elevava no ar como canto de ave, ao romper da manhã.

Algum tempo depois, quando o inverno estava a chegar, estendeu-se certa noite no chão e, antes de entregar a alma, escreveu o seu último poema:

*Cada momento da vida
inspira um desenho
diferente.*



Um dia, passei por aquela região, e foi assim que fiquei a conhecer a história inacabada de Setsuko, a bordadeira de Quioto.

Se quiserem encontrar o lugar, duvido seriamente que o consigam...

A estrada que lá conduz está sempre a mudar, nunca é a mesma...

François Richard
La brodeuse
Paris, Éd. du Seuil, 1995
(Tradução e adaptação)